

**A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE RETÓRICA PARA A EXEGESE
DO NOVO TESTAMENTO:
UM EXEMPLO DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS¹**

Sidney de Moraes Sanches²

Resumo: Este artigo estuda as possibilidades da análise retórica do texto bíblico. Faz uma breve apresentação da análise retórica e expõe suas diversas modalidades disponíveis nos dias de hoje. Para tal, utiliza como exemplo a Epístola aos Hebreus desde a tradição retórica de seus comentários. Defende o reconhecimento da contribuição promissora e necessária da retórica judaica para a análise retórica do Novo Testamento. Conclui com um apelo aos exegetas brasileiros para que se ocupem da análise retórica em seus trabalhos.

Palavras-chave: Exegese do Novo Testamento. Análise retórica. Epístola aos Hebreus. Midrax homilético.

*The contribution of rhetorical analysis to the exegesis
of the New Testament: an example of the Epistle to the Hebrews*

Abstract: This essay studies the possibilities of rhetorical analysis of the biblical text. It presents briefly the rhetorical analysis and exposes its different modalities available today. For this purpose it takes an example of the Epistle to the Hebrews, starting from the rhetorical tradition of its commentaries. It defends the recognition of the promising and necessary contribution of Jewish rhetoric for the rhetorical analysis of the New Testament. It ends with an appeal to the Brazilian exegetes that they be attentive of the rhetorical analysis in their works.

Keywords: Exegesis of the New Testament. Rhetorical analysis. Epistle to the Hebrews. Homiletic Midrash.

Introdução

Após breve apresentação da análise retórica do texto bíblico, serão tratadas as diferentes modalidades de análise retórica da Epístola aos Hebreus, presentes nos antigos, modernos e contemporâneos comentários. A seguir, será proposta a contribuição da retórica judaica do século I, conhecida como midrax homilético,

¹ Este artigo foi recebido em 24 de janeiro de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 6 de abril de 2009.

² Sidney de Moraes Sanches, doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, 2005), é professor de Teologia no Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Anteriormente, foi diretor da Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH). ffsanches@oi.com.br

para a análise retórica da Epístola aos Hebreus. Ainda, serão incluídas algumas reflexões acerca do discurso presente na Epístola aos Hebreus como retórica de um saber com o qual o exegeta da epístola deve interagir continuamente. Por fim, espera-se que este artigo estimule iniciativas de análise retórica do texto bíblico entre os exegetas brasileiros.

1. Breve apresentação da análise retórica do texto bíblico

Conforme George A. Kennedy³, a crítica ou análise retórica, termos que ele usa alternadamente sem maiores diferenciações, do texto bíblico considera os textos bíblicos como unidades discursivas e privilegia a intenção retórica do autor, a situação retórica do discurso e o efeito retórico da sua mensagem no entendimento do ouvinte/leitor. Kennedy assume que a principal característica do texto bíblico é sua capacidade de comunicar direta e linearmente ao ouvinte ou leitor. Essa capacidade se relaciona diretamente com a fala divina incorporada ao texto e com a construção de um argumento racional que suporta a fala divina.

É comum aos praticantes da análise retórica do texto bíblico, dentre eles o próprio Kennedy, recorrer à teoria retórica clássica ocidental formulada em manuais oriundos dos antigos gregos e romanos. A principal obra desse período foi a *Arte Retórica* de Aristóteles. Conforme ela, um discurso é uma *composição pela qual a linguagem é feita descritiva, interpretativa ou persuasiva*.⁴ Aristóteles valoriza esse último aspecto ao declarar que o objetivo do discurso é *gerar a persuasão* por meio da invenção, também chamada por ele de argumentação.⁵

Contudo, para Chaïm Perelman, a argumentação ultrapassa a mera demonstração de evidências em favor de determinada tese.⁶ A finalidade da argumentação não é mero assentimento ou imposição de uma verdade racional, mas atingir as crenças e convicções dos ouvintes visando conseguir que eles ajam de acordo com

³ Para essa apresentação, usaremos a obra de: KENNEDY, George A. **New Testament Interpretation Through Rhetorical Criticism**. North Carolina: University of North Carolina Press, 1984. Ela será complementada por: CASTELLI, Elizabeth A.; MOORE, Stephen D.; SCHWARTZ, Regina M. (Orgs.). *Crítica Retórica*. In: **A Bíblia Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 155-190. Algumas obras introdutórias poderão ser consultadas: FIORE, Benjamin. *NT Rhetoric and Rhetorical Criticism*. In: FREEDMAN, David N. (Ed. Ch.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 5, p. 715-719; GUTHRIE, George H. **The Structure of Hebrews: a text-linguistic analysis**. Leiden/ New York: Brill, 1998. (SNT, 73); MAJERICK, Ruth. *Rhetoric and Rhetorical Criticism*. In: FREEDMAN, David N. (Ed. Ch.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 5, p. 710-712; STAMPS, Dennis L. *Rhetorical Criticism and Narratological Criticism*. In: PORTER, Stanley E. (Ed.). **A Handbook to the Exegesis to the New Testament**. Leiden: Brill, 2002. p. 219-239; AMADOR, J. D. H. *Where could Rhetorical Critics (still) take us?* **Biblical Studies**, n. 7, p. 1-22, 1999. IDEM. *Rediscovering and Re-inventing Rhetoric*. **Scriptura**, n. 50, p. 1-40, 1994.

⁴ MAJERICK, Ruth. In: FREEDMAN, 1992, v. 5, p. 710-712.

⁵ ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. São Paulo, Ediouro, [s.d.]. p. 38.

⁶ PERELMAN, Chaïm; OLBRECHT-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação. A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

elas. Para que isso aconteça são fundamentais a interação ou o envolvimento pessoal do orador com os ouvintes, abordando a questão desde a sua situação e necessidades, não se apresentando imparcial, isento ou neutro.

Essa abordagem de Perelman é celebrada como a reinvenção contemporânea da retórica, também chamada de *nova retórica*.⁷ Em seus objetivos mais amplos, ela pretende superar o uso moderno da retórica clássica que a reduz a mero instrumento de transmissão de verdades filosóficas, teológicas e culturais, ou a recursos estilísticos da oratória, para recuperar a totalidade clássica da retórica como arte da comunicação persuasiva.⁸

Um recurso menos comum entre os praticantes da análise retórica do texto bíblico é o recurso a modelos retóricos do judaísmo do século I, especificamente o midrax homilético. Este apelava à tradição religiosa judaica colocada a serviço das necessidades religiosas do momento. Como essa tradição foi registrada em textos literários, a atividade retórica principal consiste na argumentação de que os textos literários aguardavam por uma consumação, um cumprimento, uma realização.⁹

Os textos literários do Novo Testamento retêm a influência da antiga tradição retórica judaica. Neles, a aparição de Jesus Cristo cumpriu a promessa divina de salvação, e as comunidades de cristãos judeus preservaram esse discurso. A função retórica específica dos textos do Novo Testamento era conduzir os ouvintes a reorientarem suas vidas a partir dessa persuasão, pois a fé em Jesus Cristo devia alimentar-se estabelecendo uma ponte entre as escrituras proféticas e o evangelho, constituído pelas palavras, fatos e o destino final de Jesus.

Os textos do Novo Testamento também são, em sua maioria, produtos secundários de um fenômeno primário: a pregação ou testemunho. Eles devem ser lidos em uma situação de comunicação oral na qual o pregador já possuía um conteúdo discursivo definido, que expunha a uma comunidade ouvinte visando causar-lhe determinado impacto e movê-la a certas opções.¹⁰

Naturalmente, enquanto fenômeno sociocultural, os textos neotestamentários também requerem condições retóricas encontradas em um ambiente cristão judeu-

⁷ Cf. CASTELLI; MOORE; SCHWARTZ, 2000, p. 163.

⁸ Cf. CASTELLI; MOORE; SCHWARTZ, 2000, p. 164.

⁹ Para Pierre Grelot, eram três os procedimentos homiléticos práticos que influenciaram a argumentação na homilia cristã-judia: 1) o recurso aos personagens e experiências passadas do antigo Israel; 2) a prática da alegoria em ambiente alexandrino; 3) a prática rabínica do raciocínio por analogia (a fortiori). Entretanto, as próprias homilias cristãs acrescentam um argumento fundamental: 1) a assunção, em Jesus, da experiência religiosa do antigo Israel e, 2) por meio de um “jogo de correspondências” no qual “a fé incoativa de Israel, orientada para o Cristo futuro, tinha por base e por expressão provisional experiências e instituições anunciadoras do futuro ao amparo dos símbolos”. Cf. GRELOT, Pierre. **Homilias sobre la Escritura em la Época Apostólica**. Barcelona: Herder, 1991. p. 261-265.

¹⁰ Típico é o primeiro discurso de Pedro em Atos 2.14-36, cuja reação dos ouvintes foi a pergunta: “Irmãos, que faremos?”, seguindo-se a resposta de Pedro: “Arrependam-se, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados” (Atos 2.37,38).

palestinense aberto à presença universal do helenismo. A influência universalizante do helenismo coloca a questão de até onde o discurso construído nos moldes da retórica greco-romana teria influenciado a pregação de Jesus Cristo e daquelas comunidades e, por consequência, os textos do Novo Testamento.

A esse respeito falta um consenso. George A. Kennedy sustenta que a principal influência retórica sobre os textos literários do Novo Testamento procede da educação retórica grega da época. Essa oferecia uma base cultural que sustentava toda a sociedade sob sua influência.

Segundo Agustín del Água, na atualidade, há maior reconhecimento da influência e do valor do pano de fundo veterotestamentário e judeu no discurso neotestamentário¹¹. Ainda que o judaísmo da época estivesse profundamente helenizado, o contato com a cultura helenística não produziu um sincretismo do pensamento judeu, mas uma inculturação, na qual o judaísmo permaneceu sempre fiel às suas tradições internas.

José Caba, ainda, entende que a submissão do discurso neotestamentário à retórica clássica greco-romana tende a sujeitar os textos ao ambiente greco-romano, ignorando suas origens veterotestamentárias e judaicas e desvalorizando o clima próprio da literatura hebraica de onde parte principalmente o texto bíblico.¹²

De todo modo, é preciso reconhecer que os textos literários do Novo Testamento são igualmente composições discursivas. Eles são um meio para um fim, um veículo de comunicação e interação entre autor e audiência.¹³ Como são muitas as possibilidades em uso da análise retórica do texto bíblico, ilustraremos essa variedade expondo seu emprego na exegese da Epístola aos Hebreus. Primeiro, exporemos a possibilidade da análise retórica na antiga e moderna tradição dos comentários da Epístola aos Hebreus. Depois, faremos a mesma coisa nos comentários contemporâneos da Epístola, especificamente aqueles orientados pela análise retórica contemporânea.

2. Acerca da análise retórica da Epístola aos Hebreus na antiga e moderna tradição dos comentários

Até o século 13, era comum ler retoricamente a Epístola aos Hebreus como um texto contínuo, sequencial, subdividido em seções nomeadas *kefalaía*. Essas seções eram distinguidas por meio de conjunções, as mais comuns sendo *gár* e *dé*. Quando elas apareciam no texto, sugeriam uma mudança no desenvolvimento de seus temas.

¹¹ Cf. DEL ÁGUA, Agustín. Interpretación del Nuevo Testamento y Métodos. **Estudios Eclesiásticos**, n. 73, p. 8-9, 1988.

¹² CABA, José. Métodos de Estudio del Nuevo Testamento. **Gregorianum**, v. 73, n. 4, p. 658, 1992.

¹³ FIORE, Benjamin. In: FREEDMAN, 1992, v. 5, p. 715-719.

Nesse período, o texto da Epístola aos Hebreus, como qualquer texto bíblico, era escrito em papiro e, depois, em pergaminho, e esses materiais não favoreciam a divisão em parágrafos, páginas, capítulos e versículos. Sendo assim, o pensamento do autor evoluía com desenvoltura.

Os primeiros comentários à Epístola, como os de João Crisóstomo e Teodoro, limitavam-se a descrever esse desenvolvimento retórico contínuo. Para reforçar essa abordagem retórica, um resumo ou síntese da mensagem era acrescentado pelo comentarista. Esse, normalmente, enfatizava a superioridade de Cristo sobre as antigas instituições culturais do Antigo Testamento.

A partir do século 13, a Bíblia foi dividida em capítulos e versículos, produzindo o primeiro rompimento em sua unidade retórica, inclusive da Epístola aos Hebreus. Não sendo algo inerente ao texto, a divisão em capítulos e versículos impôs-lhe distinções artificiais.

Como resultado imediato, a busca pela unidade retórica foi substituída pela fragmentação em unidades literárias. O comentário da Epístola aos Hebreus que melhor se aproxima de uma abordagem retórica própria dos antigos comentários foi realizado por João Calvino, quando escreveu o comentário à *Epístola de Paulo, o Apóstolo, aos Hebreus*, na Genebra de 1549.¹⁴ Depois de uma breve síntese do conteúdo do texto, ele passa a abordá-lo separando-o em parágrafos conforme sua estrutura sintática e gramatical e a comentá-lo versículo após versículo, sentença após sentença.

Um exemplo típico de comentário guiado por capítulos foi realizado por Neil R. Lightfoot.¹⁵ No esboço inicial, cada capítulo é tratado separadamente como tendo um conteúdo completamente desenvolvido em si mesmo. Somados uns aos outros, eles auxiliam o leitor a comparar as duas religiões, o judaísmo e o cristianismo, culminando em uma exortação prática contra a apostasia, naturalmente dos cristãos para o judaísmo.

Variantes desse modelo de comentário por capítulos foram elaboradas por Simon Kistemaker¹⁶, Broke F. Westcott¹⁷ e F. F. Bruce¹⁸. Kistemaker reúne dois ou mais capítulos ao redor de um tema comum, realizando partições no texto. Westcott apresenta leitura semelhante, mais adequada, porém, à partição na forma de um tratado, sob o tema: a finalidade do cristianismo. Bruce é particularmente interessante quanto aos anteriores por reunir a prática dos mais antigos comentários, introduzindo um resumo temático preparatório ao texto e, depois, organizando dois ou mais capítulos em blocos temáticos.

¹⁴ CALVIN, John. **The Epistle of Paul the Apostle to the Hebrews and The First and Second Epistles of St. Peter**. Grand Rapids: Eerdmans; Carlisle: Paternoster, 1994.

¹⁵ LIGHTFOOT, Neil. **Epístola aos Hebreus**. São Paulo: Vida Cristã, 1981.

¹⁶ KISTEMAKER, Simon. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

¹⁷ WESTCOTT, B. F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1889.

¹⁸ BRUCE, F. F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

Os comentários por capítulos foram ampliados para comentários esquematizantes reunindo os capítulos em duas ou três grandes seções. Como exemplos de comentários de duas seções, temos aqueles de Tomás de Aquino e John Brown. Aquino interpretou a epístola como dividida em duas seções. Na *primeira*, ele reuniu os capítulos 1 a 10, que apresentam Jesus Cristo como o líder da superior salvação cristã; e na *segunda*, juntou os capítulos 11 a 13 em que os hebreus são exortados a se unir a seu grande líder e salvador. John Brown of Edinburgh, pregador puritano escocês do século 19¹⁹, dividiu a epístola em duas partes: os capítulos 1 a 10.18, denominou *doutrinária*; e os capítulos 10.19 a 13.25 chamou *prática*.

Como exemplos de comentários em três seções, temos Heinrich Bullinger e Franz Joseph Schierse. Bullinger reuniu os capítulos 1 a 4 e 10.19 a 13.23 como seções deliberativas ou exortativas, e os capítulos 5.1 a 10.18 como seção didática ou doutrinária. Schierse o segue, com variações, em seu comentário recente, da seguinte maneira: Parte I: Palavra de Deus prometida e o Filho (1.1 a 4.13); Parte II: O Sumo Sacerdócio de Jesus (4.14 a 10.31); Parte III: Arrostar provações e perseguições (10.32 a 13.25).²⁰

Os esquemas bipartite e tripartite foram assumidos, no século 20, nas chamadas *análises literárias da Epístola aos Hebreus* da denominada escola Vaganay-Vanhoye. Ambos foram influenciados pela sugestão de análise de F. Thien, publicada em 1902 em *Revue Biblique*²¹, na qual ele intencionava demonstrar como o autor da epístola organizou seu conteúdo. Concentrando-se na parte central, 3.1 a 12.29, notou como ela se dividia em três partes, cada uma delas *anunciada* no início de cada parte por um duplo tema que era, a seguir, tratado na forma inversa àquela introduzida.

A proposta foi seguida e desenvolvida por Leon Vaganay em seu artigo *Le Plan de L'Épître aux Hébreux*²², o qual, segundo George Guthrie, “pode ser considerado o início das modernas discussões literárias sobre a estrutura de Hebreus”²³. Edificando sobre a habilidade literária do autor, Vaganay *descobriu* o seu uso de *palavras-ganchos*, que mantinham duas seções unidas pelo uso da mesma palavra, estrategicamente colocadas no final de uma seção e no início de outra seção. Também o emprego do *paralelismo simétrico ou concêntrico*, no qual ao redor de cinco seções principais o autor fez corresponder uma subseção entre a primeira e a quinta seções, duas subseções entre a segunda e a quarta seções, e três subseções na seção central.

¹⁹ BROWN, John. **Hebrews**. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1961 (1. ed. 1862).

²⁰ SCHIERSE, Franz Joseph. **Epístola aos Hebreus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

²¹ THIEN, F. Analyse de L'Épître aux Hébreux. **Revue Biblique**, n. 11, p. 74-86, 1902.

²² VAGANAY, Leon. Le Plan de L'Épître aux Hébreux. In: VINCENT, L. H. (Ed.). **Memorial Lagrange**. Paris: Gabalda, 1940. p. 269-277.

²³ GUTHRIE, 1998, p. 11,12.

Quem melhor desenvolveu a análise literária de Vaganay foi Albert Vanhoye, em sua clássica obra *La Structure Littéraire de l'épître aux Hébreux*.²⁴ Vanhoye explorou cinco recursos literários empregados pelo autor: 1) o uso de uma sentença para apresentar o tema que será discutido na próxima seção; 2) palavras-gancho para efetuar a transição entre uma seção e outra; 3) mudança de gênero expositivo para exortativo; 4) uso múltiplo de uma determinada palavra para dar o *tom* de uma seção; 5) uso de uma mesma palavra no início e no fim de uma seção para demarcar seus limites.

A progressiva evolução histórica do estudo da forma literária da Epístola aos Hebreus, com suas infinitas repartições, fez perder de vista a sua unidade retórica. Os exegetas da epístola preferiram destacar as características que acentuavam o estilo retórico do autor. Por exemplo, o uso da linguagem: a ausência de referências ao ato de escrever e a presença de termos próprios do ato de falar; o uso de pronomes típicos de quem fala a um auditório, tais como: “nós”, “vós” e “eu”; e a existência de modelos homiléticos em voga nas sinagogas judaicas que poderiam fornecer os recursos retóricos para a sua composição.²⁵

Outros exemplos são: o uso variado de metáforas, imagens que revelam um universo amplo de experiências, e a exploração dos recursos gramaticais e do vocabulário grego na construção de frases elaboradas destinadas a provocar impacto imediato nos ouvintes²⁶; os versos introdutórios (1.1-4), que podem ser classificados como um *exórdio* à obra²⁷; a autoapresentação da obra como uma *palavra de exortação* (Hebreus 13.22), o que a identifica com uma homilia sinagoga, conforme Atos 13.15²⁸; o padrão utilizado pelo compositor de alternar seções exortativas

²⁴ VANHOYE, Albert. *La Structure Littéraire de l'épître aux Hébreux*. Paris: Desclée de Brouwer, 1976. A análise de Vanhoye virou uma espécie padrão na exegese católica da Epístola aos Hebreus, sendo também seguida entre os exegetas protestantes recentes, ainda que com modificações, como Paul Ellingworth e Harold Attridge.

²⁵ Cf. FABRIS, Rinaldo. *As Cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1992. v. 6, p. 342, 343. DINKLER, E. Hebrews, Letter to the. In: BUTTRICK, George A. (Ed.). *Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon, 1962. v. 2, p. 571-575. Dinkler sugere que o texto final seja o resultado de uma compilação de diversas homilias reunidas por um autor.

²⁶ ATTRIDGE, Harold W. Epistle to the Hebrews. In: FREEDMAN, David N. (Ed.). *Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. 3, p. 97-105. Attridge oferece uma grande quantidade desses exemplos. Como ele mesmo reconhece, o trabalho de C. Spicq permanece insuperável neste estudo: SPICQ, C. *L'Épître aux Hébreux*. Paris: Gabalda, 1952. v. I, p. 351-378. Muitos desses aspectos podem ser encontrados em outros textos do NT, não, porém, na quantidade e variedade que existem na Carta aos Hebreus.

²⁷ VANHOYE, Albert. *Situation du Christ*. Paris: Cerf, 1969. p. 9-26.

²⁸ FABRIS, 1992, p. 342, 343. Para Fabris, a expressão pode ser traduzida como “palavra-discurso de consolo ou conforto” visando à edificação da comunidade, semelhante ao objetivo da homilia sinagoga cristã-judaica. Essa constituiria a recapitulação da história da salvação, com seu clímax em Jesus, sua base nas Escrituras e um apelo final à adesão a Jesus, o Messias. Veja-se o estudo de Pierre Grelot sobre a homilia de Atos 13.16-41, que a aproxima muito desta aos “hebreus”. In: GRELOT, 1991, p. 109-127.

e doutrinárias, apropriadas ao ambiente do discurso²⁹; o fenômeno de um Deus falante, tornando o argumento da epístola uma busca pela linguagem que é comunicação de Deus aos seres humanos, fazendo da obra uma apresentação retórica da antiga fala de Deus visando à sua atualização nos dias de hoje.

Também se destacaram a estrutura e o gênero retórico clássico. Já no século 16, Niels Hemmingsen percebeu que, na composição da homilia, foram utilizadas práticas retóricas existentes no mundo antigo. Igualmente, Hermann F. von Soden, no início do século 20, notou que a estrutura da homilia seguia as linhas da retórica grega clássica. As obras de Leon Vaganay e Albert Vanhoye fundamentaram-se na habilidade retórica do pregador, enfatizando, porém, seus aspectos estilísticos e literários.

3. Acerca da análise retórica nos comentários contemporâneos da Epístola aos Hebreus

Não sendo a própria análise retórica uma metodologia uniforme, são variados os modelos propostos para a Epístola aos Hebreus. Um desses, formulado por George Guthrie, baseia-se no uso da *linguística textual*.³⁰ Segundo ele, deve-se examinar os padrões de argumentação, as marcas de estilo, o desenvolvimento temático fixado no texto e as convenções retóricas vigentes à época da sua composição.

A contribuição própria da linguística textual consiste em assumir que

um texto escrito começa com uma concepção do autor quanto ao assunto que quer comunicar. Esse assunto é, então, expresso e desenvolvido pelas escolhas linguísticas do autor – palavras individuais, gramática e estilo – que dão significado e estrutura a uma “sentença” que modela seus “parágrafos”. Para entender o desenvolvimento do assunto efetuado pelo autor, deve-se primeiro examinar cada sentença nos níveis léxico, sintático e retórico.³¹

Para Guthrie, o efeito retórico da epístola localiza-se nas unidades de discurso exortativas, não nas expositivas. Essas, de conteúdo cristológico, são apoio para o exercício eficaz da exortação aos ouvintes. Portanto, deve-se começar pelo relacionamento entre as unidades discursivas expositivas, depois focalizar as unidades discursivas exortativas e, finalmente, deve-se procurar como a interação entre ambas as unidades de discurso realizam a intenção retórica do autor.

Outro modelo de análise retórica concentra-se na intenção retórica do autor e é realizado por Barnabas Lindars.³² Para ele, a Epístola aos Hebreus é uma homilia,

²⁹ ATTRIDGE, George. In: FREEDMAN, 1992, p. 97-105. Attridge afirma que a alternância de seções pode sugerir a existência de sermões independentes e reunidos em um único texto.

³⁰ GUTHRIE, 1998, p. 45-147.

³¹ GUTHRIE, 1998, p. 46.

³² LINDARS, Barnabas. *The Rhetorical Structure of Hebrews*. *New Testament Studies*, n. 35, p. 382-406, 1989.

cujo capítulo 13 permite perceber melhor o impacto retórico do argumento principal do discurso homilético. A homilia não se preocupa com uma apresentação doutrinária da morte de Jesus Cristo, porém com seus resultados para a existência dos seus ouvintes e, mais que isso, no tremendo efeito emocional que a demonstração desses resultados poderia provocar para impedir defecções no meio da comunidade.

A conclusão de Lindars é que

ao seguir através da estrutura retórica da epístola, obtém-se uma interpretação integrada dela que, enquanto retém muito da visão tradicional de Hebreus, por outro lado aguça as questões e esclarece a situação relativa aos destinatários, e mostra o benefício da ênfase contemporânea sobre o gênero literário e o ambiente social.

Outro modelo de análise retórica foi efetuado por *George W. Buchanan*³³, considerando o ambiente estritamente judaico da Epístola aos Hebreus. Ele a entende como um midrax homilético completo, similar aos muitos outros típicos da tradição oral rabínica. Estruturado em pequenos comentários ao redor de tópicos específicos, o pensamento do compositor evolui de um para o outro, sem perder a relação entre eles ao conservar o mesmo tema, tratando-o de formas diferentes ao lançar mão de imagens diferentes. O comentário de Buchanan procura ressaltar mais o tratamento literário rabínico que o retórico, porém levanta uma questão fundamental para a análise retórica de Hebreus, que é a retórica judaica como sua origem.

As intuições culturais do ambiente social ou mundo social desde o qual o discurso se origina tem propiciado uma nova forma de análise retórica da Epístola aos Hebreus, realizada por *David A. DeSilva*. Em seu comentário à epístola, DeSilva emprega a análise retórica que ele denomina *análise sócio-retórica*.³⁴ Ele a define como

um modelo que encoraja os intérpretes a se aproveitarem de todo o espectro de métodos de investigação de textos e, assim, trazer à conversação entre as várias disciplinas que fazem parte desse espectro na atualidade (por exemplo: crítica literária e narrativa, análise retórica, análise intertextual, crítica sócio-científica [sic]). O intérprete engaja o texto em detalhada análise, mas também engaja o mundo que produziu o texto e sobre o qual o texto procura produzir algum tipo de impacto.

Dessa maneira, enfatizam-se, a partir da *trama interna do texto*, seus padrões e desenvolvimento em si mesmo; da *intertextualidade*, a presença de outros textos com os quais dialoga; da *trama social e cultural*, do mundo do texto para o mundo do autor e dos ouvintes/leitores; da *trama ideológica*, não apenas localizar e descrever ideias, mas como elas são usadas para comunicar determinada postura aos ouvintes; da *trama sagrada*, naquilo que os textos apresentam como a experiên-

³³ BUCHANAN, George W. **To the Hebrews**. New York: Doubleday & Co., 1981. p. XIX-XXII.

³⁴ DeSILVA, David A. **Perseverance in Gratitude. A Socio-Rhetorical Commentary on the Epistle "to the Hebrews"**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

cia do divino que determina a conduta. DeSilva efetua uma leitura multidisciplinar de Hebreus bastante inovadora, na qual pretende ultrapassar a descrição da intenção retórica do autor, para abranger também a estratégia social e ideológica por ele empregada para alcançar seus objetivos retóricos junto aos ouvintes.

Seguindo a mesma proposta de análise retórica de DeSilva, José Adriano Filho entende que é necessário valorizar também o *mundo simbólico* dos ouvintes como parte da estratégia retórica do autor. Segundo sua compreensão, o conhecimento é organizado desde um universo ou mundo simbólico, do qual fazem parte os símbolos religiosos. Esses, ou são manuseados para reforçar o conhecimento vigente no grupo, ou podem ser alterados para satisfazer novas necessidades ou adaptar-se às experiências de alguns dentro do grupo.

É assim que interpretar a Epístola aos Hebreus consiste em

apresentar um relato do universo simbólico do mundo social do “povo de Deus” na Epístola aos Hebreus, ou seja, interpretar a maneira como Hebreus realiza a criação de um mundo significativo, fornecendo uma estrutura plausível aos que escolhiam habitá-lo [...] a atenção ao conteúdo e ao caráter ideológico de Hebreus implica não somente a abordagem da forma como o documento tenta integrar tradições, valores e objetivos religiosos, mas também a análise da função social pretendida com essa integração no mundo social de seu autor e seus destinatários.³⁵

4. Acerca da possibilidade do midrax homilético na análise retórica da Epístola aos Hebreus

A intenção deste trabalho é mostrar que, dentre os muitos modelos de análise retórica da Epístola aos Hebreus, uma das mais inovadoras, e pouco investigadas, é aquela que trata da estratégia retórica, ou da construção do argumento, da epístola tendo como pano de fundo a prática da homilia judaica sinagoga.³⁶

Assim resume Pierre Grelot, após investigar a exegese homilética das Escrituras hebraicas efetuada na Carta aos Hebreus:

Dá-se por estabelecido que o autor compôs cuidadosamente o conjunto desse escrito. Porém, algumas passagens concretas nos fazem perceber a existência de materiais prévios que prepararam o desenvolvimento das idéias da carta. Não é necessário – e inclusive é improvável – ver indícios de fontes escritas. Porém a estrutura de algumas passagens se adapta tão bem ao marco das homilias rabínicas que deveríamos reconhecer nelas esboços de homilias cristãs sobre textos perfeitamente identificáveis.³⁷

³⁵ DeSILVA, 2000, p. 18.

³⁶ SWETNAM, James. On the Literary Genre of the “Epistle” to the Hebrews. *Novum Testamentum*, n. XI, p. 261, 1969. Swetnam afirma que esse é um dos poucos consensos acerca das “questões abertas” a respeito da Epístola aos Hebreus atualmente.

³⁷ GRELOT, 1991, p. 195.

Essa sugestão assume que a epístola indica uma intensa atividade retórica nos tempos da sua composição, já praticada nas antigas sinagogas da Judeia palestina e da diáspora judaico-helênica sob o nome de midrax homilético, que mesclava capacidade exegética com habilidade retórica.³⁸

O midrax era um método de exegese bíblica praticada entre comunidades cristãs, judaicas e samaritanas no intuito de aplicar as Escrituras judaicas à sua vida religiosa. Desde que o culto dessas comunidades incluía a leitura, interpretação e exposição dessas Escrituras, o midrax assumia funções homiléticas enquanto “sermões ou ensaios que expõem importantes questões ou textos do Antigo Testamento”.³⁹

A forma básica dos *midraxes homiléticos* foi assim estabelecida:

Proêmio ou Abertura: o texto do dia era introduzido por um verso, normalmente fora do Pentateuco, preferencialmente extraído dos Profetas, mas também dos Escritos. O proêmio podia ser *simples*: exposição de um único verso; ou *composto*: o verso de abertura era seguido de diversas exposições independentes entre si até se chegar a uma conclusão ligando-o ao tema enunciado. A cada seção da homilia podiam-se juntar tantos proêmios quantos se quisesse.

Exposição: cobria poucos versos (três ou quatro) submetidos ao primeiro verso mais significativo.

Conclusão: encerrava com citações das Escrituras referentes à futura glória de Israel.

O *Proêmio* era típico da homilia sinagoga e possuía a função de *abrir*, fosse a liturgia da Palavra, o espírito dos ouvintes ou o sentido do texto. Na verdade, seria uma homilia pronunciada antes da leitura do Pentateuco visando preparar os ouvintes para aquela. Seu intuito era captar a atenção do ouvinte de modo a adquirir-lhe a

³⁸ George Buchanan é um dos recentes comentaristas da Carta aos Hebreus que concorda nesse ponto. Para ele, a estrutura da carta foi composta sob um midrax homilético baseado no Salmo 110. Cf. BUCHANAN, 1981, p. XIX-XXII. Sobre a importância dos midraxes para os estudos atuais do Novo Testamento, ver: FABRIS, Rinaldo (Ed.). **Problemas y Perspectivas de las Ciencias Bíblicas**. Salamanca: Sígueme, 1983. p. 87-90.

³⁹ PORTON, Gary G. Midrash. In: FREEDMAN, 1992, v. 4, p. 818-822. Para Porton, o midrax pressupõe que a Torá deve ser aplicada a todas as condições da vida visando ao conforto, à exortação e edificação dos ouvintes. Ele define o midrax como: “tipo de literatura, oral ou escrita, que tem seu ponto de partida em um texto canônico fixado, considerado a palavra revelada de Deus pelo midraxista e sua audiência, e no qual esse verso original é explicitamente citado ou claramente aludido”. René Bloch enumera cinco características do midrax: 1) ponto de partida nas Escrituras; 2) caráter homilético; 3) estudo atento do texto; 4) adaptação do texto ao presente; 5) divisão em *haggadah*: comentário e atualização das narrativas, eventos e personagens do Antigo Testamento; *hallakah*: comentário das leis do Antigo Testamento para descobrir novas regras que justifiquem os costumes atuais, cf. BLOCH, René. Midrash. In: CAZELLES, Henri (Dir.). **Dictionnaire de Bible Supplement**. Paris: Letouzay et Ane, 1957. v. 5, p. 1263-1281. Para mais informações, ver: FEINBERG, C. L. Talmude e Midrash. In: DOUGLAS, J. D. (Ed.). **Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1981. p. 1560, 1561. ELLIS, Earle E. **Prophecy and Hermeneutics in Early Christianity**. Grand Rapids: Eerdmans, 1978. p. 151, 152. STRACK, Hermann L. **Introduction to the Talmud and Midrash**. New York: Atheneum, 1976. p. 6.

boa vontade para aquilo que se pretendia comentar a respeito da Escritura, constituindo-se uma unidade autônoma, uma espécie de *midrax-proêmio*.⁴⁰

É possível que a Carta aos Hebreus seja o mais antigo discurso cristão-judeu composto como um midrax homilético sobre o Salmo 110 (Buchanan), ou uma coletânea de midraxes (Dinkler, Attridge e Perrot) ou, ainda, uma coleção de midraxes-proêmios (Ellis), efetuado em algum ambiente sinagoga cristão-judeu.

Pierre Grelot pressupõe que a composição atual refletiria diversas outras homilias anteriores, das quais o compositor da Epístola aos Hebreus se utilizou para modelar a sua própria homilia⁴¹. Diferentemente da homilia sinagoga tradicional, o compositor recorre ao uso dos Salmos, e não aos Profetas, como literatura profética para compor a sua obra.

Conforme Grelot, a Carta aos Hebreus sugere uma série contínua de midraxes-proêmios anteriores, constituídos de *texto-interpretação-exposição-aplicação aos ouvintes*, que cresce até atingir o clímax no capítulo 10.18, onde retorna ao tema anunciado: *a purificação dos pecados (1.3) resultante do sacrifício de reparação da aliança (10.18)*. Ele a conclui com a aplicação final do tema visando confortar e encorajar seus ouvintes a viver conforme a verdade anunciada pela Escritura (10.19 a 13.21).

Desse modo, a estratégia retórica da homilia aos hebreus seria a seguinte:

Capítulo 1.1 – 2.4 – *proêmio seguido de catena exegética*: a posição superior do filho como mediador de salvação.

Capítulo 2.5-18 – *midrax-proêmio desde o Salmo 8.5-7*: a natureza do filho torna-o digno da confiança dos ouvintes.

Capítulos 3.7 – 4.11 – *midrax-proêmio desde o Salmo 95.7-11 para o texto de Êxodo 17.7*: o filho introduz os ouvintes ao descanso prometido.

Capítulo 7.1-28 – *midrax-proêmio ao Salmo 110.4 para o texto de Gênesis 14.17-20*: a condição pela qual o filho é mediador da purificação dos pecados.

Capítulos 8.8 – 10.18 – *midrax-proêmio a Jeremias 31.31-34 para o texto de Êxodo 24.6-8*: a realização da purificação dos pecados pelo filho a partir do estabelecimento da nova aliança.

Capítulos 10.35 – 11.40 – *midrax-proêmio a Habacuque 2.4 para os textos de Gênesis 15.1-6 e 22.1-19*: a fé no filho deve ser vivenciada continuamente entre os ouvintes.

⁴⁰ KETTERER, Eliane; REMAUD, Michel. **O Midrax**. São Paulo: Paulus, 1996. p. 47. Segundo E. Earle Ellis, esse midrax-proêmio é o que possui maior afinidade com as exposições do Novo Testamento. Ele cita diversos textos que demonstram como esse modelo foi usado e com qual liberdade, a ponto de determinar certas diferenças com sua matriz, dentre elas: 1) o texto inicial não é retirado do ciclo litúrgico sinagoga; 2) não há um proêmio; 3) o texto final nem sempre corresponde ao inicial; 4) há uma orientação escatológica. Cf. ELLIS, 1978, p. 159. Ver também: GRELOT, 1991, p. 42-50.

⁴¹ GRELOT, 1991, p. 164-195.

Capítulo 12.5-13 – *midrax-proêmio a Provérbios 3.11,12 para o texto de Deuteronômio 8.5*: à semelhança do filho, os ouvintes devem sujeitar-se às correções do Pai.

Capítulo 12.18-29 – *midrax-proêmio para o texto de Êxodo 19.12,13*: os ouvintes foram introduzidos pelo filho na cidade celestial e devem permanecer ali.

Capítulo 13.1-25 – *conclusão com resumo final*: exortação a prestar atenção ao discurso e bilhete anexo.

Essa estratégia retórica atenderia bem às comunidades de cristãos-judeus seguidoras de Jesus de Nazaré e, portanto, crentes nos acontecimentos que se lhe sucederam, identificando-o com a realização da função exercida pela leitura dos Profetas na homilia. Desde que esses acontecimentos cumpriram as profecias e uma vez que essas conduziram a Torá à sua plena realização, foi um processo natural ler a Torá a partir desses acontecimentos e apontar em Jesus nazareno a realização da futura esperança messiânica.

Desse modo, todo um conjunto de tradições messiânicas, resultante de variadas exegeses escriturísticas e experiências históricas, confluuiu para uma típica homilia cristã-judaica que proclamou Jesus como o Messias-Realizador das expectativas judaicas, sendo ele próprio sua realização plena e final.⁴²

Conclusão

Analisar a retórica do discurso da Epístola aos Hebreus, como dos demais textos literários do Novo Testamento, significa reconhecer a experiência humana de discursar acerca de determinada visão de mundo experimentada por determinado grupo humano, que constitui um saber que visa edificá-la neste mundo. É esse discurso de edificação que viabiliza sua existência neste mundo.

Analisar a retórica desse discurso não é descobrir um modo objetivo de declarar algo sobre alguma coisa no mundo. Trata-se, outrossim, de uma maneira de saber algo sobre o mundo, saber que é comunicado por meio do discurso que edificou os ouvintes da epístola e que edifica os seus leitores atuais. Esse saber entra em intersecção, encontra-se com o exegeta, que analisa o discurso. Esse saber provoca-o, convoca-o, invoca-o, evoca-o a interagir com ele e com o seu próprio mundo.

A análise retórica do texto bíblico firmou-se como alternativa exegética contemporânea que, por um lado, responde a dois grandes desafios aos estudos literários da Bíblia no momento atual: escapar do formalismo literário da crítica da forma e atender às exigências da nova hermenêutica que incluem autor-texto-leitor em um mesmo e único movimento de interpretação. Por outro lado, permite atender a duas

⁴² SACHOT, 2004, p. 60. De acordo com Maurice Sachot, o anúncio dos discípulos torna-se a “homilia (= discurso) da homilia (= realização plena efetuada em Jesus Cristo)”.

demandas do saber contemporâneo: a necessidade de reflexão crítica do exegeta acerca do seu próprio discurso exegético e a análise desse discurso exegético como parte de uma tradição exegética que o influencia e o determina em grande parte.

Na exegese brasileira do texto bíblico, são poucos os resultados e a própria atividade exegética orientada pela análise retórica do texto bíblico. Menos reconhecida ainda, dentre os próprios críticos retóricos em geral, está a contribuição da antiga tradição retórica judaica para a exegese do texto literário neotestamentário.

A respeito da análise retórica, portanto, cabe uma atenção que vai além do que foi exposto neste artigo. De igual modo, cabe uma utilidade maior do que o esforço exegético insistente no formalismo literário, estranhamente, ainda em voga entre os exegetas brasileiros. Fica um apelo final, então: tentemos mudar!

Bibliografia

- AMADOR, J. D. H. Where could Rhetorical Critics (still) take us? **Biblical Studies**, n. 7, p. 1-22, 1999.
- _____. Rediscovering and Re-inventing Rhetoric. **Scriptura**, n. 50, p. 1-40, 1994.
- ATTRIDGE, Harold W. Hebrews, Epistle to the. In: FREEDMAN David N. (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 3, p. 97-105.
- BRUCE, F. F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.
- BROWN, John. **Hebrews**. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1961 (1. ed. 1862).
- BUCHANAN, George W. **To the Hebrews**. New York: Doubleday & Co., 1981. p. XIX-XXII.
- CABA, José. Métodos de Estudio del Nuevo Testamento. **Gregorianum**, v. 73, n. 4, p. 658, 1992.
- CALVIN, John. **The Epistle of Paul the Apostle to the Hebrews and The First and Second Epistles of St. Peter**. Grand Rapids: Eerdmans; Carlisle: Paternoster Press, 1994.
- DeSILVA, David A. **Perseverance in Gratitude. A Socio-Rhetorical Commentary on the Epistle “to the Hebrews”**. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.
- DEL ÁGUA, Agustín. Interpretación del Nuevo Testamento y Métodos. **Estudios Eclesiásticos**, n. 73, p. 3-42, 1998.
- DINKLER, E. Hebrews, Letter to the. In: BUTTRICK George A. (Ed.). **Interpreter’s Dictionary of the Bible**. Nashville: Abingdon, 1962. v. 2, p. 571-575.
- FABRIS, Rinaldo. **As Cartas de Paulo**. São Paulo: Loyola, 1992.
- FIORE, Benjamin. NT Rhetoric and Rhetorical Criticism. In: FREEDMAN, David N. (Ed. Ch.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 5, p. 715-719.
- GUTHRIE, George H. **The Structure of Hebrews: a text-linguistic analysis**. Leiden/New York: Brill, 1998. (SNT, 73).

- GRELOT, Pierre. **Homilias sobre la Escritura em la Época Apostólica**. Barcelona: Herder, 1991. p. 109-127.
- KENNEDY, George A. **New Testament Interpretation Through Rhetorical Criticism**. North Carolina: University of North Carolina Press, 1984.
- KETTERER, Eliane; REMAUD, Michel. **O Midraxe**. São Paulo, Paulus, 1996.
- KISTEMAKER, Simon. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- LIGHTFOOT, Neil. **Epístola aos Hebreus**. São Paulo: Vida Cristã, 1981.
- LINDARS, Barnabas. The Rhetorical Structure of Hebrews. **New Testament Studies**, n. 35, p. 382-406, 1989.
- MAJERICK, Ruth. Rhetoric and Rhetorical Criticism. In: FREEDMAN, David N. (Ed. Ch.). **Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 5, p. 710-712.
- MILLER, M. P. Midrash. In: CRIM, Keith (Gen. Ed.). **Interpreter's Dictionary of the Bible Supplement**. Nashville: Abingdon, 1976. p. 593-597.
- SACHOT, Maurice. **A Invenção do Cristo. Gênese de uma religião**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 24-27.
- SCHIERSE, Franz Joseph. **Epístola aos Hebreus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SCHÜRER, Emil. **The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C. - A.D. 135)**. 2. ed. Edinburgh: T&T Clark, 1979. p. 423-463.
- STAMPS, Dennis L. Rhetorical Criticism and Narratological Criticism. In: PORTER, Stanley E. (Ed.). **A Handbook to the Exegesis to the New Testament**. Leiden: Brill, 2002. p. 219-239.
- SWETNAM, James. On the Literary Genre of the "Epistle" to the Hebrews. **Novum Testamentum**, n. XI, p. 261, 1969.
- THIEN, F. Analyse de L'Épître aux Hébreux. **Revue Biblique**, n. 11, p. 74-86, 1902.
- VAGANAY, Leon. Le Plan de L'Épître aux Hébreux. In: VINCENT L. H. (Ed.). **Memorial Lagrange**. Paris: Gabalda, 1940. p. 269-277.
- VANHOYE, Albert. **La Structure Littéraire de l'épître aux Hébreux**. Paris: Desclée de Brouwer, 1976.
- _____. **Situation du Christ**. Paris: Cerf, 1969. p. 9-26.
- WESTCOTT, B. F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: Eerdmans, 1889.
- WRIGHT, Addison G. The Literary Genre Midrash. **Catholic Biblical Quarterly**, n. 28, p. 124-128, 1966.